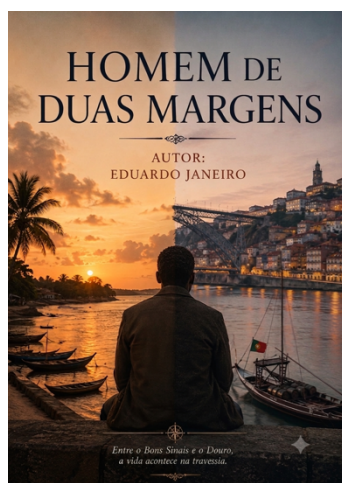




Site do autor: livrosqueardem.com

Não sei, leitor, se já reparaste que os homens têm uma extraordinária inclinação para acreditar que a felicidade mora sempre na rua seguinte. O pobre imagina-a no bairro rico; o solteiro, no casamento; o casado, no celibato; e o habitante de Quelimane, em certos dias de calor que derretem até a sombra dos cajueiros, imagina-a na Europa.

Foi exatamente o que se passou com o Tomás.

Tomás era homem de trinta e muitos anos, idade em que as ilusões começam a perder cabelo e a ganhar reumatismo. Tinha em Quelimane uma vida modesta, alguns amigos, uma cadeira favorita e o hábito filosófico de beber chá à tardinha enquanto contemplava o rio dos Bons Sinais, que é um rio tão calmo que parece ter desistido de chegar ao mar.

Mas um dia, por capricho do destino — ou por teimosia humana, que vem a ser a mesma coisa — decidiu emigrar.

— Vou para o Porto.

Assim o anunciou, como quem diz:

— Vou ali comprar pão.

A família chorou um pouco, os amigos aconselharam-no muito, e um vizinho, que jamais saíra da Zambézia, afirmou com convicção:

— Na Europa o dinheiro nasce nas árvores.

Nunca soube Tomás de que espécie eram essas árvores. Talvez castanheiros bancários.

Talvez eucaliptos monetários. O certo é que embarcou.

O primeiro encontro entre Tomás e o Porto deu-se no Aeroporto Francisco Sá Carneiro.

Foi um encontro frio.

Não me refiro à cordialidade; refiro-me à temperatura.

Saiu do aeroporto.

Pôs as mãos nos bolsos, encolheu o pescoço e compreendeu que em Portugal não bastava vestir-se; era preciso blindar-se.

Depois veio o segundo espanto: a velocidade.

Em Quelimane, as pessoas andam.

No Porto, as pessoas marcham.

Todos parecem ter um compromisso inadiável com a eternidade.

Tomás, habituado ao compasso preguiçoso das bicicletas e das conversas demoradas, via os portuenses passarem por ele como se estivessem a fugir de um incêndio invisível.

E o sotaque?

Ah, leitor, o sotaque!

Os primeiros meses foram uma batalha linguística.

Entrou num café e o empregado perguntou qualquer coisa que lhe soou como:

— Ó chefe, qué um cimbalino?

Tomás sorriu.

— Perdão?

O homem repetiu.

Tomás tornou a sorrir.

Ao fim de três repetições, pediu chá.

Era mais seguro.

Depois vieram as repartições públicas.

As finanças.

A segurança social.

As senhas.

Os formulários.

As fotocópias.

Tomás passou semanas a descobrir que um cidadão pode possuir passaporte, diploma, certidão e até alma, mas, sem um determinado documento com um carimbo azul, não existe legalmente.

Era uma filosofia nova.

Mas persistiu.

A necessidade é a maior professora do mundo. Ensina até os mais teimosos.

Houve, porém, episódios mais pitorescos.

Certa tarde decidiu cozinhar um prato da sua terra.

Foi ao Mercado do Bolhão, esse templo magnífico onde os legumes parecem saídos de uma pintura e as peixeiras possuem a eloquência de antigos senadores romanos.

Comprou ingredientes aproximados.

Muito aproximados.

Tão aproximados que o resultado final não era culinária moçambicana nem portuguesa.

Era uma terceira nacionalidade gastronómica, sem pátria e sem futuro.

Provou uma colher.

A panela pareceu ofendida.

Mas o Porto, leitor, tem uma astúcia secreta.

Conquista-nos.

Primeiro pelo espanto.

Depois pelo hábito.

Por fim, pelo coração.

Tomás começou a passear pela Ribeira, onde as casas coloridas se debruçam sobre o Douro como velhas senhoras curiosas.

Subiu à Ponte Dom Luís I e ficou a olhar o rio.

Percorreu a Rua das Flores.

Perdeu-se nos Clérigos.

Descobriu a Foz, onde o Atlântico se apresenta com uma dignidade de rei cansado.

E havia as noites.

As luzes refletidas na água.

Os elétricos.

As esplanadas.

As igrejas de granito.

As francesinhas.

O arraial de São João.

A melancolia elegante da cidade.

Porque o Porto é belo de uma beleza estranha: não sorri, seduz.

Não canta, murmura.

Não se oferece; deixa-se descobrir.

E Tomás foi-se deixando conquistar.

Passaram-se alguns anos,não muitos.

O homem que chegara enregelado ao aeroporto já conhecia os atalhos da cidade.

Já não andava,marchava.

Já reclamava do trânsito.

Já tinha cafês favoritos.

Já caminhava pela Foz com a familiaridade de quem outrora percorrera a Avenida Samora Machel em Quelimane.

Aprendeu a gostar de bacalhau.

Embora, de vez em quando, o pensamento lhe fugisse para os peixes pendes da sua terra, para os cajueiros, para o calor e para as tardes compridas da Zambézia.

Porque emigrar é isto, leitor.

Uma espécie de amputação voluntária.

Ganha-se um país.

Perde-se uma paisagem.

Ganha-se segurança.

Perde-se um pedaço da infância.

Ganha-se o futuro.

Perde-se o direito de voltar a ser exatamente quem se era.

Numa tarde de outono, Tomás sentou-se à beira do Douro.

O rio seguia para o mar.

E o mar, esse velho conspirador, é o mesmo que contornando o Borjador toca as costas de Moçambique.

Pensou em Quelimane.

Pensou no Porto.

Pensou em si mesmo.

Depois sorriu.

Era agora um homem de duas margens.

Nem inteiramente moçambicano de lá.

Nem inteiramente português de cá.

Uma criatura intermédia, que talvez seja a forma mais completa de humanidade.

Levantou-se.

A nortada soprou.

Puxou o casaco para cima.

Olhou a cidade e murmurou:

— Valeu a pena.

E eu, que sei de tudo porque sou narrador e porque os narradores têm o péssimo hábito de se julgarem deuses, posso confirmar que valeu.

A felicidade não morava em Quelimane nem no Porto.

Entre os Bons Sinais e Douro, a vida acontece na travessia.

E, se me é permitido um último exagero

— e aos narradores sempre se perdoam os exageros quando falam de cidades amadas.

Direi que o Porto possui uma beleza que não se entrega à primeira vista.

É cidade de granito e de neblina, de pontes que parecem suspensas entre séculos, de ruas que descem ao Douro como se procurassem um segredo antigo.

Ao entardecer, quando as luzes se acendem na Ribeira e o rio se cobre de reflexos dourados, há no Porto uma espécie de melancolia luminosa que faz o estrangeiro sentir-se menos estrangeiro e o viajante desejar ficar mais um dia.

Essa melancolia serena, misturada ao murmúrio do rio e à antiga dignidade das suas pedras, é a alma do Porto.

FIM